

Daniele Noal Gai
Wagner Ferraz (Orgs.)

parafernalias II

Currículo, cadê a poesia?

educação - saúde - artes

INDEP 

processo^{C3}
www.processoc3.com



Daniele Noal Gai

Wagner Ferraz

Orgs.

**PARAFERNÁLIAS II:
Currículo, cadê a poesia?**

1ª Edição

Porto Alegre

INDEPIn

Copyright © 2014 Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz

Organizadores:

Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz

Projeto Editorial:

INDEPIN - Miriam Piber Campos
Processo C3 - Wagner Ferraz

Capa:

Anderson Luiz de Souza

Layout:

Wagner Ferraz

Diagramação:

Diego Mateus e Wagner Ferraz

Revisão:

Carla Severo Trindade

INDEPIN Editora - Coordenação Editorial
Miriam Piber Campos e Wagner Ferraz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G137p Gai, Daniele Noal
Parafernália II: currículo, cadê a poesia? / Daniele Noal
Gai e Wagner Ferraz. – Porto Alegre: INDEPIN, 2014.
130 p.

ISBN 978-85-66402-14-8

1. Educação - currículo. 2. Poesia. I. Ferraz, Wagner.
II. Título.

CDU 37.017

Bibliotecária Responsável: Ana Lígia Trindade CRB/10-1235

2014
INDEPIN
www.indepin-edu.com.br

Parafernália II

apresentação

PARA INFERNÁLIAS CELESTES

Paola Zordan¹

1. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS). Articuladora do M.A.L.H. A., Movimento Apaixonando pela Liberação de Humores Artísticos, cria intervenções em espaços públicos e institucionais. Trabalha com performances, escultura social e micropolíticas. Doutora e Mestre em educação pela UFRGS, faz parte da Linha de Pesquisa Filosofia da Diferença e Educação, do grupo de pesquisa DIF: artistagens, fabulações e variações, desenvolvendo temas que envolvem historiografia da arte, formação de professores e esquizoanálise. Licenciada em Educação Artística, bacharel em Desenho, foi professora de artes em escolas básicas da rede de ensino em Porto Alegre.

Currículo, cadê a poesia?

Uma apresentação nada representa. Não é uma representação. Trata-se de presença. E de um texto presente. Regalo. Tessitura de corpos nas palavras. Corpo curricular impresso. Corpo que corre na pressão. Corpo que discorre aulas. Corpo presente. Ainda que quebrado, algemado, doente. Um corpo aos pedaços, em cacos. O corpo depois de horas e horas e mais horas e mais um pouco dentro de uma instituição. Atendendo pessoas, recebendo pedidos, ensinando, lendo, ajudando, se dissolvendo nos outros, desaparecendo de si. Corpo escancarado sem dentro e sem fora, sem classificação. Corpo de cacarecos. Mil e múltiplos elementos.

Parafernálias. Coisas. Tralhas. Textos e ações. Para se pensar o currículo, a educação, as matérias, a vida em sala de aula. Órgãos que pulsam e se tensionam, órgãos que dilatam e secretam substâncias alheias ao que a humanidade considera Educação. Longe dos festivais, sem os sacrifícios e as inversões das Saturnálias. Uma vez festa, a educação vira para infernália. Para os inferninhos, para as putas, as travecas, as que ganham a vida com o corpo. As professoras ganham a vida com a cabeça. Sem cabeça é impossível ensinar. Maldita e mal paga profissão. Quantos demônios a acometem? O problema – quantos muitos mis problemas? – devem ser as hordas de professores sem cabeça. Para os defensores da moral e dos costumes civilizados dessa modernidade inquisitorial que ainda pauta universidades e escolas, é a total degradação. Para ser professor é preciso amoldar o corpo a um não corpo que mais dita, recita, cita e se debilita do que excita. Assuntos leves, alegres, não combinam com a severidade com que a instituição de ensino deve carregar o corpo. Corpos que podiam brincar,

Paraferrnalias II

correr, dançar e nada mais. Deixar o tempo, essa força de Saturno, simplesmente passar. Mas “não, ó senhora professora, fazer isso é perda de tempo”. Então temos que nos deter nos conteúdos (onde estão os continentes?), manter articulado o arsenal de baboseiras, recheiar cabeças (pois os corpos já foram abolidos) com muitas inutilidades. Finge-se que se ensina, faz-de-conta que se aprende. Os dias passam e a única coisa que fica é a titulação para legitimar quem vai continuar reproduzindo tudo isso. Diga que não, perca seu emprego razoavelmente estável, morra, não de fome, mas como inadimplente que não honra os compromissos capitais. Triste? Sem tentar não há como saber o gosto ou o desgosto de se estar em determinadas listas.

Por que ainda tentamos ser professores? Responder a tantas exigências? Produção qualificada, postura adequada, retórica clara, compreensão do educando, avaliações institucionais, modulação de perspectiva própria, leituras ininterruptas, descanso inexistente. “Sua trouxa, perde a vida em aulas, estudando, criando estratégias novas, escutando alunos. O problema é teu. Bem feito se tu quer que seja assim. Eu tiro férias, não me importo muito e aproveito a vida.” Como? O que é, afinal, um trabalho configurado como ensino? O trabalho é sério e quem não se prepara não mantém uma aula em pé. Aula que não se sustenta acaba impedindo a movimentação dos saberes. Ninguém aprende nada. Todo mundo está louco para ir embora. O tempo está morto. Recheada de “tá” e “né”, a fala procura por tudo o que não aprendeu. Quem pode estar preparado sem corpo e com a cabeça recheada de ditos que não foram vividos? Que vida é essa onde se ostenta viagens por fotografias? Que vida é essa com tanta demência, ausência, chateação? Uma vida que se perde no atraso, na perda de aulas, no pouco caso com tudo isso. Os pensamentos não dançam. A aula sempre será de um professor. Se começar a pesar, não há como se tornar um festejo. Aula em roda, aula para mirar e admirar, aula que por mais densa que seja sempre trará alegria. Aula para inspirações.

Currículo, cadê a poesia?

Gente viva junto, levando a matéria estudada com tanta seriedade que ninguém precisa se preocupar em se comportar. Gente que respira. Gente que vive sua saúde. Gente entre as aberturas da cabeça e a dilatação do tronco, gente com sangue na ponta dos dedos. Gente, apenas gente para se trabalhar. Em aula. Com toda essa parafernália de questões. Com o desconforto de quem está vivo e tem corpo. Corpo que se faz obra. Corpo se faz. O corpo é o mínimo. A cabeça faz parte do corpo. E mesmo ao mínimo, o mínimo do mínimo, algumas cabeças, especialmente as que se acham o máximo, não se dispõem. Azar delas. Sem minimalizar, jamais chegam no poema. Sem poesia, o aprendizado trunca. E a coisa não acontece. Melhor fugir.

Contudo, aqui estamos. Pensando a educação, correndo de escola em escola, acalmando quem nela inicia, instalando equipamento, lendo projetos, recebendo pareceres e recomendações, concorrendo a editais, coordenando equipes, propondo cursos, fazendo reuniões, avaliando textos, escrevendo desde relatórios até pareceres técnicos. Sem quase dormir, divertindo-se pouco, sem tempo para si, sem trégua. Ganhando pouco. Aproveitando muito. Ao menos ainda há espaço para escrever o que pensamos, para brincar com as palavras, para rir das situações, para tornar romance as maledicências que se ouve sobre a gente mesmo. Ao menos gozamos. Ainda podemos ser comuns. Ainda podemos escolher o inesperado, dar as costas ao louvável, fazer uns versos e dançar, mesmo quando sem música. Ainda é permitido ser ridículo, apesar do que podem e provavelmente vão dizer. Ainda deixam que se faça arte, por mais complicado que seja entender do que se trata, e por mais que nada do que se faça possa ser facilmente considerado arte. Ainda não foi proibido, por mais difícil que seja, termos corpo. E é sempre um corpo, frágil e quase sempre suprimido, o que se apresenta. Corpo de céu, mesmo que ao ser educado se torne infernal.